

O LAZER COMO UM FENÔMENO URBANO: NOTAS ETNOGRÁFICAS SOBRE A INTERDIÇÃO DO ‘MARACANÃ DA VÁRZEA’ DE PORTO ALEGRE

Mauro Myskiw¹
Leandro Forell²
Marco Paulo Stigger³

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo apresentar algumas reflexões sobre a interdição de um campo de futebol do Parque Ararigbóia para os usos de um importante circuito da cidade de Porto Alegre, o ‘municipal da várzea’. No cerne dessas reflexões está a construção dos sentidos do lazer como um fenômeno cultural urbano. Isto foi realizado a partir de diferentes experiências etnográficas dos autores em pesquisas realizadas nesse mesmo Parque. Do conjunto de análises e interpretações resultou o entendimento de que o Parque é objeto de uma transformação do mesmo espaço em distintos lugares simbólicos, cujas discrepâncias produziam uma série de ‘intranquilidades’ e, por fim, implicaram na interdição do campo.

PALAVRAS-CHAVE: Lazer; Cidade; Futebol; Interdição; Etnografia.

INTRODUÇÃO

Esta comunicação resulta de uma reflexão sobre o lazer relacionado à práticas do futebol na cidade de Porto Alegre, especialmente no que se refere à utilização do Parque Ararigbóia. Este Parque, que está localizado num bairro residencial da região central da cidade, se apresenta como um importante espaço de lazer urbano, sendo reconhecido pela qualidade de seus equipamentos e principalmente pela história (política) de envolvimento de membros da comunidade na sua gestão. Um de seus equipamentos de lazer é o campo de futebol, cujo espaço é frequentemente mencionado como o ‘Maracanã da Várzea’, tamanho é o seu reconhecimento no universo das práticas de futebol da cidade e região metropolitana.

¹ Doutor em Ciências do Movimento Humano (UFRGS), Professor Adjunto da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Marechal Cândido Rondon, Paraná, Brasil. E-mail: mmyskiw@hotmail.com

² Mestre e doutorando em Ciências do Movimento Humano (UFRGS), Professor Assistente da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS, Unidade Litoral Norte). E-mail: leandroforell@gmail.com

³ Doutor em Ciências do Desporto e Educação Física (Universidade do Porto, Portugal), Professor Associado da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: stigger.mp@gmail.com

No início do mês de dezembro de 2013 este campo foi ‘interditado’ pelo Secretário Municipal de Esporte, Recreação e Lazer de Porto Alegre, especificamente para o uso do circuito municipal de futebol ‘de várzea’. As competições e os times ‘de fora’ daqueles gestados nas redes de sociabilidade mais claramente vinculadas com o próprio Parque já vinham sendo tomados como ‘problemas’, mas um evento em particular deflagrou – como um gatilho – a decisão de interdição desse espaço para os usos do ‘municipal varzeano’. Tratou-se do assassinato de uma pessoa que assistia a uma partida ‘do municipal’, decorrente de uma disputa que não tinha relação com o jogo.

Esse evento, no presente texto também figura como um ‘gatilho’, pois ele nos levou a estranhar os ‘usos problemáticos’ do Parque pelo circuito de futebol municipal e as ressonâncias disso para a compreensão do lazer como um fenômeno cultural urbano. Em face a esse estranhamento, procuramos trazer algumas reflexões sobre o ‘Maracanã’ como um lugar de lazer, especificamente sobre os ‘incômodos’ que as apropriações do circuito municipal ‘da várzea’ representam para os gestores locais e, sobretudo, para os moradores vizinhos do Parque Ararigbóia. Estivemos orientados pela busca de compreensão sobre o que significa essa ‘interdição’ e como ela está perpassada a construção dos sentidos do lazer em espaços urbanos?

Sem deixar de considerar que a noção de lazer é uma construção que está imbricada com questões ‘mais amplas’, tais como o ‘processo civilizatório’, a constituição social orientada para ‘o trabalho produtivo’ e para ‘a mercadorização-consumo’⁴, nos interessa, aqui, destacar (ou enfocar) que a construção de sentidos do lazer não está imune aos dramas cotidianos da vida urbana, assim como, a produção dos próprios espaços urbanos leva em conta as dinâmicas do lazer⁵. Para tanto, estaremos pautados em experiências etnográficas de estudos ‘no’ Parque Ararigbóia, desenvolvidos pelos autores em diferentes momentos e com distintos propósitos: o primeiro em 1996, com o objetivo de compreender a inserção do esporte no universo dos espaços públicos da cidade (STIGGER, 1997); segundo entre 2009 e 2011 com vistas às controvérsias na construção de significados do futebol na cidade

⁴ Alguns desdobramentos em torno dessas ‘questões amplas’ pode ser encontrado nos trabalhos de Elias e Dunning (1992), de Macellino (1987), de Gomes (2003) e de Mascarenhas (2005).

⁵ Este é um debate também já existente, a respeito do qual podemos citar os estudos de Magnani (1984), Stigger (2000), Reckziegel (2004) e Bauler (2005).

(MYSKIW, 2012); e o terceiro em 2012 e 2013, visando a compreensão das políticas públicas de esporte e de lazer (FORELL, 2014).

A produção de informações nesses estudos etnográficos empreendidos ‘no Parque’, ainda que de modo distinto, envolveu observações, participações, confecções de diários de campo e realização de entrevistas. Desse conjunto empírico, para fins de análise da ‘interdição’, priorizamos as descrições e interpretações de três questões: 1) ‘o municipal da várzea’ como um circuito de lazer; 2) a constituição do ‘Maracanã da Várzea’ como um ‘campo neutro’; 3) as rupturas simbólicas e a interdição do ‘Maracanã’. Ao final, procuramos justapor essas três questões no sentido de pensar a construção de sentidos do lazer enquanto um fenômeno cultural urbano.

O ‘MUNICIPAL DA VÁRZEA’ COMO UM ‘CIRCUITO DE LAZER’

Um primeiro aspecto para nossa interpretação do impedimento do ‘Maracanã da Várzea’ para os jogos do campeonato municipal de futebol é o entendimento de que esta competição compreende um importante ‘circuito de lazer’ de trabalhadores da região metropolitana de Porto Alegre. Em linhas gerais, tal circuito, que já tem mais de 20 anos de existência, se materializa pela ‘parceria’ entre uma série de Ligas de Futebol (LFs) e a Gerência de Futebol (GF), órgão administrativo vinculado à Secretaria Municipal de Esporte, Recreação e Lazer (SME) de Porto Alegre. No primeiro semestre de cada ano as LFs organizam os seus ‘regionais’ e, ao final, indicam os classificados para a fase ‘municipal’ que se desenvolve no segundo semestre, sendo este organizado pela GF-SME. Campos de futebol de diversas regiões da cidade são englobados na efetivação desse circuito, a maioria deles públicos.

No entanto, mais do que um conjunto de competições alinhado, a sua compreensão como um circuito de lazer futebolístico – que tem uma história particular – nos interessa no sentido de que ele coloca ‘em trânsito’, pela cidade, um grande número de pessoas e de grupos sociais, sendo plenamente reconhecido como ‘a várzea’, isto é, um lugar simbólico (ou um momento ritual) que se institui nos parques, praças e campos, por ocasião das rodadas e que designa formas particulares de usos de equipamentos urbanos de lazer. Como um universo de lazer, esse o conjunto de competições e a sua instituição enquanto circuito nos

campos da cidade implica no reconhecimento de que aqueles que ali estão – para jogar, torcer, apitar, etc. – configuram ‘o pessoal da várzea’.

A noção de circuito como uma categoria nativa para a interpretação das práticas de lazer na cidade tem sido apresentada e debatida por Magnani e colaboradores⁶, com enfoque sobre os usos dos espaços e dos equipamentos urbanos, possibilitando o exercício da sociabilidade por meio de encontros, comunicação e manejo de códigos. De maneira também tomamos o ‘circuito de lazer varzeano’ como um ‘lugar antropológico’, isto é, um universo concreto e simbólico que congrega princípios singulares de sentido para aqueles que o habitam⁷. Isso significa que nesse ‘circuito-lugar’, a experiência de lazer é perpassada por lógicas próprias que incidem sobre os modos de jogar, de se comportar, sobre os critérios de inclusão e de exclusão.

Alguns aspectos simbólicos dessas lógicas foram apresentados no estudo sobre as ‘controvérsias’ (MYSKIW, 2012), denotando, em linhas gerais, que o lazer da várzea está longe de ser asséptico, no sentido de que, não raramente, se configura como um universo de intermediação. O ‘lazer varzeano’ faz conviver – ainda que paradoxalmente⁸ – questões (ou categorias de organização social) que noutros ‘lugares’ estariam separadas, como ludicidade-seriedade, disciplina-violência, lazer-trabalho, saúde-drogas, direito social-mercadoria. A tensão-excitação agradável fluída nos jogos nem sempre se esgotava na mimetização experimentada numa configuração propriamente esportiva (uma esfera da vida, com aprovação social⁹), pois esta envolvia, sem ‘problemas’, os dramas e as tramas de famílias, de vizinhança, das comunidades e da cidade. Também os deslizamentos entre as coisas ‘sérias’ (de outras dimensões da vida) e a ‘mimetização’ (ideal de distanciamento das questões sérias) diziam sobre a tensão-excitação agradável apreciada no ‘lazer varzeano’.

⁶ Ver Magnani (1999), Magnani (2005) Magnani e Souza (2007), Magnani e Torres (2009).

⁷ Uma importante discussão sobre lugares antropológicos está presente na obra de Marc Augé (1994), quando o autor procura estabelecer as distinções entre os lugares e os não-lugares.

⁸ Uma abordagem a essa noção de circuito como um lugar paradoxal pode ser observada no trabalho de Viviana Zelizer (2005) a respeito da convivência entre o ‘íntimo’ e o ‘impessoal’ em circuitos de comércio.

⁹ Esse entendimento do lazer como uma configuração social ou uma esfera da vida de tensão-excitação agradável está presente no trabalho de Elias e Dunning (1992).

O ‘MARACANÃ DA VÁRZEA’ COMO UM ‘CAMPO NEUTRO’

Em face das características enunciadas acima, no decorrer da sua materialização nos espaços urbanos da cidade de Porto Alegre, foi possível observar que o circuito se desenvolvia, enquanto competição, em dois ‘sentidos’: 1) em direção ‘às praças, parques, centros de comunidade’ (efeito de desterritorialização das disputas); e 2) em direção ‘ao profissional’ (efeito de particularização das normas). O primeiro efeito diz sobre o movimento de maior utilização dos campos localizados nos Parques, nas Praças e nos Centros de Comunidade da cidade, especialmente daqueles situados em regiões centrais, com destaque para os campos dos Parques da Redenção, Ararigóia, Parcão, Alim Pedro, Marinha do Brasil e o campo do Centro de Comunidade George Black (CGEB). Ao longo das competições, fossem elas ‘dos regionais’ ou mesmo ‘do municipal’, quanto mais se aproximavam as fases decisivas, entre os organizadores, se avultava a preocupação em agendar as disputas em ‘territórios’ que não eram descritas como ‘de um time’ ou de outro, os denominados ‘campos neutros’.

Essa neutralidade não era o único aspecto considerado, mas seguramente era um dos mais significativos. Isto porque as configurações dos Parques, das Praças e dos Centros de Comunidade da cidade, sobretudo daqueles localizados na região central, conferiam um ‘efeito de propriedade’, no sentido de que as características objetivas ali existentes criavam condições para que as lógicas ‘próprias’¹⁰ do universo simbólico do futebol estivessem menos sujeitas à permeabilidade de outras questões e dramas do cotidiano da cidade. A existência de alambrados, de vestiários, de banheiros, de iluminação artificial, de portões com cadeados, a proximidade de unidades da segurança pública e a possibilidade de intervenção rápida dos agentes da segurança, não eram apenas elementos concretos da ‘propriedade’ do futebol, mas também eram operadores simbólicos da separação entre o ‘universo do futebol’ e as outras agendas da vida cotidiana. Nos termos nativos do circuito, seria o equivalente a afirmar que ‘ali’ – nas Praças, Parques e Centros de Comunidade – seria ‘só futebol’, os árbitros poderiam ‘apitar o que é’, e que as interferências ‘de fora’ desse universo não seriam toleradas, uma vez que estas colocariam em questão a legitimidade dos resultados esportivos. Nesse sentido, não

¹⁰ Essa interpretação leva em conta a proposta teórica de Pierre Bourdieu (1983, 1990) em que pese a configuração do esporte como um campo social que tem sua história e suas lógicas particulares.

era sem motivos que os jogos finais das competições ocorressem em estádios do circuito profissional, o que denotava um claro movimento em direção ‘ao profissional’, este representante máximo do ‘efeito de propriedade’.

No circuito de futebol de várzea da cidade de Porto Alegre, dentre os campos que (re)produziam esses efeitos de ‘desterritorialização’ e de ‘propriedade’ do campo das disputas, um dos mais significativos era o do Parque Ararigbóia, reconhecido entre os *habitués* como o ‘Maracanã da Várzea’. Criado ‘oficialmente’ em 1953, o Parque configura um espaço tradicional de lazer e de atividades físicas sob a administração pública da Secretaria Municipal de Esporte, Recreação e Lazer (SME). Ali atuam professores de Educação Física, que ofertam uma série de atividades (alongamento, dança, jogos, ginástica, esportes, musculação, entre outras). A gestão do Parque, no entanto, é compartilhada (por vezes disputada) com uma Associação Comunitária formada por membros da sociedade¹¹. Esta possui estatuto próprio e tem papel ativo na construção das políticas locais, zelando dos investimentos, da manutenção, das atividades (consideradas lícitas) e da própria imagem pública.

O Parque Ararigbóia está localizado na Região Central da cidade de Porto Alegre, no Bairro Jardim Botânico, contemplando uma área de 18 mil metros quadrados. No entorno e proximidades predominam prédios residenciais, casas, pequenos empreendimentos comerciais, ficando próximo de um Batalhão da Brigada Militar. É bem arborizado e totalmente cercado com telas de 1,5 metro (aproximadamente), havendo portões de acesso em três lados. Em termos de infraestrutura, este Parque contempla: um campo de futebol; um prédio com vestiários, banheiros e uma sala de brinquedoteca/reuniões; duas quadras poliesportivas com revestimento de alvenaria; um pequeno *playground*, com alguns brinquedos de metal, coloridos; um ginásio de esportes, com uma quadra, uma pequena arquibancada, salas de ginástica, sala musculação e salas de administração; uma cancha/quadra de bocha coberta de piso sintético; uma churrasqueira e um pequeno espaço de confraternização com mesas e cadeiras.

¹¹ Mais informações sobre a história 'do Ararigbóia' no cenário das práticas de lazer da cidade de Porto Alegre podem ser obtidas no trabalho de Flor (2013) sobre a Associação Comunitária desse Parque.

O campo de futebol – referido como ‘Maracanã da Várzea’ – é um dos muitos da cidade em que não há cobertura completa de gramado. Apenas nos cantos e em um dos lados a gramínea consegue sobreviver aos intensos usos. É completamente cercado por altos alambrados, conta com portões, com iluminação artificial e alguns ‘lances de arquibancada’ atrás de uma das ‘linhas de fundo’. Ali ‘eram’ realizadas partidas durante toda a semana, à noite, como também durante o dia nos finais de semana e feriados. Normalmente se referiam a competições organizadas pela Liga de Futebol local – a ‘Liga do Araribóia’, uma das mais reconhecidas no circuito –, a competições administradas pela Gerência de Futebol da SME e também a jogos ‘amistosos’ agendados pelos próprios times, muitos deles envolvendo a Associação Comunitária. O ‘campo do Araribóia’ é, sem dúvidas, um ‘lugar’ muito significativo no universo das práticas de futebol, amplamente reconhecido no ‘circuito varzeano’ como espaço de ‘bom futebol’, de ‘bons times’, não sendo uma arbitrariedade afirmar que se trata de um lugar de ‘lazer de boleiros’, um lugar para ‘quem tem bola’, contando com a presença frequente de alguns ‘ex-profissionais da bola’. É um importante território ‘do futebol’.

Além disso, como ‘campo neutro’, frequentemente, o campo do Araribóia era solicitado por outras Ligas de Futebol – as ligas de regiões periféricas da cidade – e pela própria Gerência de Futebol da SME para realizarem as partidas mais decisivas (os jogos ‘mata-mata’, ‘semi-finais’ e ‘finais’) dos ‘regionais’ ou do ‘municipal’. Nos dias e horários destes jogos, o cenário de usos do Parque era bastante modificado, para a alegria de alguns moradores do entorno que se incorporavam ao circuito e para o desalento de muitos outros que manifestavam o incômodo diante de uma série de comportamentos julgados inapropriados (gritarias, desentendimentos, xingamentos, ameaças, usos de fogos de artifício, dentre outros). Um grande número de pessoas, no fluxo (concreto e simbólico), tratava de se apropriar dos espaços (quadras, vestiários, banheiros, arquibancadas) e o faziam no tensionamento entre as lógicas do circuito e do Parque.

A observação de uma série de competições entre 2009 e 2011, vinculadas à Liga local e à SME, nos possibilitou notar que as práticas do futebol nesse Parque se apoiavam firmemente numa postura bastante intolerante a ‘indisciplina’ (no que se refere aos limites de autocontrole previstos pelas regras) e à ‘desorganização’ (no que diz respeito aos termos dos

regulamentos). Logo compreendemos que essa postura não se tratava, exclusivamente, de demandas das lógicas internas do circuito de futebol, mas tinham relação direta com as formas de usos toleradas pelos moradores do entorno do Parque e de outros usuários deste universo. Inquerido sobre ‘o futebol no Ararigbóia’, um dos moradores do entorno deixou muito clara essa preocupação com os ‘bons usos’, afirmando que: “Esse ‘pessoal do futebol’ é um bando de bárbaros. Só estragam a imagem do Parque. Brigam, ficam bêbados, não acho certo isso acontecer em um lugar público” (Diário de Campo, 11/04/2012). Nesse mesmo dia, um professor que atua no Parque foi questionado sobre a relação com a vizinhança e, a respeito disso, ele explicou que:

[...] tem vizinho que odeia o Parque, pois aqui é uma zona residencial e que, do ponto de vista imobiliário é bem valorizado, mas que aos finais de semana tem movimento, foguetório do futebol, gente que bebe cerveja e fica alegre. E as pessoas que não estão envolvidas [no Parque] não estão nem aí para este negócio de coletividade. No fim de semana elas querem dormir no seu quarto com vista para um Parque vazio. Outra reclamação é com relação à violência. Dizem que o Parque tem usuários de drogas e que tem assaltante que se esconde no Parque (Diário de Campo, 11/04/2012).

Isto é, para os campeonatos se sustentarem naquele espaço era preciso ‘fazer conhecer’, ‘fazer reconhecer’ e ‘fazer cumprir’ os elementos da boa organização e disciplina. Havia, claramente, um grande esforço dos organizadores e de membros das equipes quanto a isso, tendo em vista um ‘lazer ordeiro’.

AS RUPTURAS SIMBÓLICAS E A INTERDIÇÃO ‘DO MARACANÃ’

No circuito de futebol varzeano, as rodadas realizadas no campo ‘do Ararigbóia’ agradavam pela boa capacidade de instituir objetivamente a ‘propriedade do campo esportivo’, frente às ‘pressões que vinham de fora’, ou seja, ao conjunto de práticas não reconhecidas como ‘do futebol’ e que pudessem interferir no resultado das partidas. O ‘fora’, nesse sentido, tinha uma dimensão simbólica e incomodava justamente porque ameaçava dissolver a separação instituída, naquele espaço, entre ‘o futebol’ e as outras questões da vida. Não era sem motivos que, ali, se podia verificar com bastante frequência a reclamação de que uma pessoa, um grupo ou mesmo um time não podia jogar naquele campo, pelo simples fato de que ‘não sabia separar’ ou ‘não sabia se comportar’.

Uma crise bastante ‘séria’ nesse sentido foi deflagrada no dia 02 de novembro de 2013. No decorrer de um jogo pela série B da categoria livre ‘do municipal’ daquele ano, um evento ‘de fora’ do futebol foi determinante para uma decisão do Secretário Municipal de Esporte, Recreação e Lazer: o impedimento do uso do ‘Maracanã da Várzea’ para jogos do campeonato municipal, a principal competição do circuito de futebol da cidade. Esse evento foi descrito da seguinte forma no Blog A Voz do Amador, uma espécie de espaço noticioso oficial do circuito¹²:

O secretário de esportes do município, professor Edgar Meurer, confirmou na tarde desta segunda-feira que o campeonato da série B está suspenso. “Não podemos organizar um evento que venha trazer intranquilidade aos torcedores e aos moradores do entorno do Parque Ararigóia”, afirmou. A decisão prende-se ao fato acontecido ontem à tarde, quando um ex-apeinado que estava assistindo o jogo Primavera x Manchester foi morto com cinco tiros, num provável ajuste de contas. Os disparos desferidos pelo assassino, que fugiu do local, causou pânico entre os torcedores, muitos dos quais crianças e também entre os jogadores. A partida foi suspensa aos 5 minutos do segundo tempo com a vitória do Primavera por 2 a 0. “O campeonato da série B está suspenso até uma decisão futura”, anunciou Edgar Meurer que disse mais: “O Parque do Ararigóia não sediará mais jogos do campeonato municipal. Só serão permitidos jogos da liga com times convidados”. (BLOG A VOZ DO AMADOR, 05/11/2013)¹³

Outro veículo de comunicação da cidade que repercutiu a notícia foi o Diário Gaúcho, jornal impresso de grande circulação na região metropolitana de Porto Alegre e que conta com versão *on-line* (<http://diariogauchoclicrbs.com.br/rs/>). Sobre o assassinato e suas decorrências em relação aos usos do Parque, neste veículo, foram publicados um conjunto de informações em duas matérias (GAVA, 2013; CUSTÓDIO, 2013):

DIÁRIO GAÚCHO, 03/11/2013

Porto Alegre: Homem é morto com pelo menos cinco tiros no bairro Jardim Botânico

Conforme apuração da polícia, a vítima assistia a jogos no Campo do Ararigóia, na Rua Mariz e Barros, quando foi abordada e assassinada.

Um homem de 31 anos foi morto com pelo menos cinco tiros de calibre 9mm por volta das 17h30min deste domingo, no Bairro Jardim Botânico, em Porto Alegre.

Conforme apuração da polícia, a vítima assistia a jogos no Campo do Ararigóia, na Rua Mariz e Barros, quando foi abordada e assassinada por um homem, com tiros no rosto, braço e peito.

¹² O Blog A Voz do Amador (<http://jornalavozdoamador.blogspot.com.br/>) é editado e publicado pelo Jornalista José Carlos Oliveira, conhecido no circuito como Bolinha. Este jornalista circula pelos campos nas rodadas dos campeonatos, como recebe constantemente informações de membros de times ou de organizadores sobre os eventos ‘da várzea’. A partir disso ele constrói suas pautas e matérias.

¹³ Ver em http://jornalavozdoamador.blogspot.com.br/2013_11_01_archive.html

A vítima tinha antecedentes por tráfico (a polícia não informou o nome). A 1ª DHPP investiga e, por enquanto, não tem suspeitos identificados.

DIÁRIO GAÚCHO, 04/11/2013

Fim de uma era: Campo do Ararigbóia não faz mais parte do campeonato de várzea de Porto Alegre

Determinação da Secretaria Municipal de Esportes ocorreu hoje, após pedido dos moradores do bairro onde está localizado o campo

Pressionada pelos moradores do Bairro Jardim Botânico, a Secretaria de Esportes de Porto Alegre determinou que a partir desta segunda-feira o campo de futebol do Parque Ararigbóia, no bairro, não receberá mais jogos do Campeonato Municipal de Futebol de Várzea da cidade. A medida vale também para 2014.

Segundo o secretário José Edgar Meurer, a decisão ocorreu após pedidos dos moradores locais, assustados com a violência durante as partidas.

- Estou chateado de ser obrigado a tomar esta medida. Mas os moradores do Jardim Botânico já vinham pedindo o fim dos jogos no parque, e temos o maior respeito pela comunidade local - justificou o secretário.

Por conta da situação, estão suspensos os três jogos que faltavam da Série B. Já as finais dos campeonatos da Série A, do Master e do Veterano ocorrerão no campo do São José, no próximo dia 17. Sobre a suspensão das partidas que faltam da Série B, o secretário ainda não sabe se elas ocorrerão.

Por volta das 17h30min deste domingo, um homem foi morto a tiros enquanto assistia aos jogos.

Essa preocupação dos moradores do entorno (‘intranquilos’, ‘assustados’), transcrita nas notícias, foi ratificada por um membro da Associação que participa da gestão do Parque. Em conversa sobre a morte ocorrida no dia 02/11, este membro fez a seguinte afirmação:

É um disparate cedemos nosso espaço que é um espaço bom comparado aos campos de futebol espalhados pela cidade e, na segunda-feira, ter que se deparar com notícia de jornal envolvendo o nome do Parque para qual eu tanto trabalho em manchete de jornal. O problema é este pessoal do futebol (Diário de Campo, 26/11/2013).

O ‘problema’ que esse ‘pessoal do futebol’, da maneira como o interpretamos, denota uma dupla ruptura: uma ruptura do ‘efeito de propriedade’ do universo simbólico do futebol e a ruptura com as ‘boas práticas’ de usos do Parque conforme as expectativas de gestores e dos moradores. A morte do torcedor não foi o ‘único problema’ que observamos – direta ou indiretamente – mas foi, sem dúvida, um evento de ‘fora do futebol’ que representou uma dissolução significativa do ‘bom lazer’ condizente com as expectativas dos gestores do Parque e dos moradores do entorno, como também da busca de ‘propriedade’ pretendida pelo ‘circuito varzeano’ ao agendar as disputas no ‘Maracanã’.

A morte foi uma iconização marcante dessa dupla ruptura e funcionou como um gatilho para decisão de interdição do Parque para o circuito. No entanto, o ‘problema’ era anterior a ela. O que incomodava era a dimensão paradoxal – de intermediação – do circuito futebolístico, que constituía/constitui as práticas ‘fazendo conviver’ categorias de organização social de modo pouco esperado (ludicidade-seriedade, disciplina-violência, lazer-trabalho, saúde-drogas, direito social-mercadoria). Essas misturas engendradas no/pelo circuito, no Parque Ararigbóia, ‘incomodavam’ tanto os membros da gestão como os moradores.

O apontamento do futebol como ‘um problema’, especialmente o ‘de fora’ – que compreendia a instituição de um circuito mais amplo, que se apropriava do Parque para os seus jogos mais decisivos – era facilmente notada. Isso foi bastante observado pela participação na organização de competições de uma Liga de Futebol de uma região periférica da cidade (Zona Norte de Porto Alegre). Esta Liga, nas fases finais dos campeonatos, procurava ‘levar’ os seus jogos para a região central da cidade (buscando um efeito de desterritorialização) e um dos Parques ‘preferidos’ era ‘o Ararigbóia’. No entanto, a forma como ‘as comunidades de fora’ vivenciavam o futebol e o Parque era motivo de preocupação para os gestores locais, que ‘estranhavam’ os comportamentos e, fundamentalmente, as misturas.

Uma dessas misturas que alimentavam os estranhamentos locais, por exemplo, foi acompanhada num jogo ‘mata-mata’ (eliminatório) de um campeonato dessa Liga ‘de fora’ e seus desdobramentos em reuniões posteriores (Diários de Campo de 23, 24, 25 e 26/05/2010). Descontente com algumas decisões do árbitro, um dos jogadores decidiu agredi-lo e foi seguido por outros colegas, o que gerou uma ampla ‘confusão’ (para os olhares dos vizinhos e dos gestores). O árbitro, no entanto, sequer fez questão de elaborar um relatório na súmula sobre o ocorrido. Por mais que tenha sido cobrado, resistiu a fazê-lo, sabendo que entre os agressores estava um membro de uma facção de tráfico e que naquela situação não era possível, para ele, ‘separar’ os dois universos. O árbitro sabia que, para continuar apitando no circuito, lhe era preciso ‘saber levar’, comportamento este que causava maiores estranhamentos e tensões no Parque em tela.

O LAZER COMO UM FENÔMENO URBANO

As informações trazidas até aqui já nos colocam diante de, pelo menos, duas possibilidades de interpretação da ‘interdição’ e do ‘incômodo’ que representavam os times ‘do circuito municipal’, tendo em vista a construção de significados do ‘lazer’ nos usos do ‘Maracanã da Várzea’. Primeiro, que a construção de sentidos não se constitui de modo descolado das questões sociais urbanas. E, quando tratamos de sentidos, o fazemos em duas conotações: a de que as trajetórias das pessoas, dos grupos, dos times e das ‘comunidades’ pelos espaços urbanos, para o lazer, encontra rotas possíveis e outras interdidas; a de que as práticas de lazer estão perpassadas por diferentes tramas urbanas que colocam em questão os ‘bons usos’ do Parque naquele bairro residencial. O lazer, nesse sentido, é um fenômeno que diz sobre a vida das pessoas na cidade.

A segunda possibilidade interpretativa é a de que a experiência de lazer não se esgota no consumo alienado do Parque ou do campo. Tal como procuramos mostrar o Parque Ararigóia é objeto de uma dupla construção simbólica: os gestores, os membros da Associação, os moradores vizinhos e os grupos de futebol que não são ‘de fora’ transformam aquele espaço num ‘lugar’ (que é histórico, identitário e relacional); da mesma forma os membros do ‘circuito municipal da várzea’ produzem daquele espaço ‘um lugar’ com dimensões que guardavam particularidades. A questão é que estes ‘lugares de lazer’ eram distintos simbolicamente (ainda que em parte) e, portanto, produziam os efeitos de ‘intranquilidade’ que implicaram na interdição do ‘Maracanã’.

RESUMEN

Este trabajo tiene por objetivo presentar algunas reflexiones sobre la clausura de un campo de fútbol del Parque Ararigóia para los usos de un importante circuito de la ciudad de Porto Alegre, las ‘canchitas municipales’. En el núcleo de esas reflexiones está la construcción de los sentidos del ocio como un fenómeno cultural urbano. Esto fue realizado a partir de diferentes experiencias etnográficas de autores en investigaciones realizadas en ese mismo Parque. Sobre los análisis y las interpretaciones se entiende que el Parque es objeto de una transformación del mismo espacio en distintos lugares simbólicos, cuyas discrepancias producían una serie de ‘intranquilidades’ y que, por fin, derivaron en la clausura del campo.

PALABRAS-CLAVE: Ocio; Ciudad; Fútbol; Clausura; Etnografía.

ABSTRACT

This paper aims to present a few considerations on the prohibition of Ararigóia Park to be used as an important soccer training circuit in the city of Porto Alegre, the “municipal da várzea.” At the heart of these considerations is the definition of the meaning of leisure as an urban cultural phenomenon. The starting point for this study is assorted ethnographic experiences undertaken by the authors and a research made at the Park itself. From the analyses and interpretations of this work, it is concluded that the Park is subject to a transformation and it will be subdivided into distinct symbolical sections with their own usage. This division led to discrepancies in ideas that produced a series of “unrest” and ultimately, contributed to the prohibition of the field.

KEYWORDS: *Leisure; City; Soccer; Prohibition; Ethnography.*

REFERÊNCIAS

AUGÉ, M. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. 7. ed. Campinas: Papyrus, 1994.

BAULER, S. R. G. *O futebol faz rolar mais do que uma bola: um estudo sobre o significado do futebol numa periferia urbana*. 2005. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) - Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

BOURDIEU, P. Como é possível ser esportivo? In: BOURDIEU, P. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 136-153.

BOURDIEU, P. Programa para uma sociologia do esporte. In: BOURDIEU, P. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990, p. 207-220.

CUSTÓDIO, A. Fim de uma era: Campo do Ararigóia não faz mais parte do campeonato de várzea de Porto Alegre. *Jornal Diário Gaúcho*, Porto Alegre, 04 de novembro de 2013. Disponível em: <<http://diariogaicho.clicrbs.com.br/rs/dia-a-dia/noticia/2013/11/campo-do-ararigboia-nao-faz-mais-parte-do-campeonato-de-varzea-de-porto-alegre-4322561.html>> Último acesso em: 27 de junho de 2014.

ELIAS, N.; DUNNING, Eric. O lazer no espectro do tempo livre. In: ELIAS, N.; DUNNING, E. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.

ELIAS, N.; DUNNING, Eric. O lazer no espectro do tempo livre. In: ELIAS, N.; DUNNING, E. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.

FLOR, I. F. *Associação Comunitária do Parque Ararigóia: uma história de protagonismo, no âmbito do lazer, em Porto Alegre*. 2013. 61 f. Monografia (trabalho de conclusão do curso

de Educação Física - Licenciatura) - Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

GAVA, R. Porto Alegre: Homem é morto com pelo menos cinco tiros no bairro Jardim Botânico. *Jornal Diário Gaúcho*, Porto Alegre, 03 de novembro de 2013. Disponível em: <<http://diariogaicho.clicrbs.com.br/rs/policia/noticia/2013/11/homem-e-morto-com-pelo-menos-cinco-tiros-no-bairro-jardim-botanico-4321503.html>> Último acesso em: 27 de junho de 2014.

GOMES, C. L. *Significados de recreação e lazer no Brasil: reflexões a partir da análise de experiências institucionais (1926-1964)*. 2003. 322 f. Tese (doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

MAGNANI, J. G. C. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MAGNANI, J. G. C. *Mystica urbe: um estudo antropológico sobre o circuito neo-esotérico na cidade*. São Paulo: Studio Nobel, 1999.

MAGNANI, J. G. C. Os circuitos dos jovens urbanos. *Tempo Social, Revista de Sociologia da USP*, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 173-205, nov., 2005.

MAGNANI, J. G. C.; SOUZA, B. M. *Jovens na metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade*. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

MAGNANI, J. G. C.; TORRES, L. de L. *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. 3. ed. São Paulo: EDUSP; Fapesp, 2008.

MARCELLINO, N. C. *Lazer e educação*. Campinas: Papyrus, 1987.

MASCARENHAS, F. *Entre o ócio e o negócio: teses acerca da anatomia do lazer*. 2005. 320 f. Tese (doutorado em Educação Física) - Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

MYSKIW, M. *Nas controvérsias da várzea: trajetórias e retratos etnográficos em um circuito de futebol da cidade de Porto Alegre*. 2012. 415 f. Tese (doutorado em Ciências do Movimento Humano) – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

RECKZIEGEL, A. C. C. *Dança de rua: Lazer e cultura jovem na Restinga*. 2004. 198 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.



STIGGER, M. P. *Desporto, lazer e estilos de vida: uma análise cultural a partir de práticas desportivas realizadas nos espaços públicos da cidade do Porto*. 2000. 321 f. Tese (doutorado em Ciências do Desporto) - Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, Universidade do Porto, 2000.

STIGGER, M. P. Futebol de veteranos: um estudo etnográfico sobre o esporte no cotidiano urbano. *Movimento*, Porto Alegre, a. 4, n. 7, p. 52-66, 1997.

ZELIZER, V. A. Circuits within capitalism. In: NEE, V.; SWEDBERG, R. *The Economic Sociology of Capitalism*. Princeton: Princeton University, 2005.